



ID: 35842799

04-06-2011

A CONVIDADA

Líbia: de armas e sandálias, pela liberdade



ANA GOMES
Eurodeputada (PS)

A saída de Bengazi, passei pelas carcaças dos tanques de Kadhafi: impressionante a precisão cirúrgica da intervenção aérea que impediu o massacre, 20 minutos antes de ser tarde de mais. Foi redentora a decisão das forças aliadas de levar à prática a "Responsabilidade de Proteger", invocada pelo Conselho de Segurança. Os líbios agradecem genuinamente: vi cartazes com as bandeiras dos países que apoiam a revolta e fui saudada por jovens que, de V em riste, me lançavam uns "Merci, Sarkozy!" (insuspeita nas simpatias, dei por mim a concordar...).

Como relatora para a Líbia no Parlamento Europeu, entendi de ver colher informação directamente. Já estivera em Novembro em Trípoli e Bengazi. E agora, de 17 a 20 de Maio, depois de 1200 km por estrada desde o Cairo, percorri mais

1600 km em território líbio, visitando Bengazi, Tobruk, Adjabia e Al Marj. Reuni-me com membros do Conselho Nacional de Transição (CNT), incluindo o Presidente Jalili, dos Conselhos locais, com elementos da sociedade civil e as organizações internacionais no terreno. Na linha da frente, a seguir a Adjabia, conversei com combatentes sobre o desenrolar espontâneo da revolta popular: na maioria jovens, sem treino militar, mal equipados, muitos empunhando armas artesanais e tendo por uniforme fatos de treino e sandálias.

Nas cidades, as crianças brincam nas ruas, embora as estradas tenham *check-points*; as lojas estão abertas e até os semáforos são obedecidos.

Mas polícia e tribunais não funcionam e as escolas estão encerradas, porque ninguém pretende haver normalidade tendo o país em guerra e população ainda refém de Kadhafi. Em Trípoli, em contrapartida, faltam gasolina, electricidade, alimentos e a repressão é brutal, quem pode põe-se a caminho da Tunísia — como já fizeram a mulher e filha do próprio Kadhafi. Em Bengazi dá-se o ditador ocupado a mudar de esconderijo e o filho Saif a dirigir ope-

rações. Ouve-se que os russos negociam a saída do tirano. O fim da era Kadhafi não tardará muito.

"Nós nem sabíamos que tínhamos esta bandeira", disse-me emocionado Abdul, 16 anos a querer exercitar o seu inglês. Não notei o mais pequeno sinal de fundamentalismo religioso. O receio de infiltração da Al-Qaeda ou de partição do território fazem parte da propaganda do regime e não se reflectem no movimento de 17 de Fevereiro, ago-

ra já estruturado e capaz de assegurar a governação do Leste do país e até de acolher visitas: a minha e a da alta-representante Ashton, dois dias depois. Uma democracia secular é o que querem o CNT e a maioria dos estudantes e profes-

res que vi reunir na universidade para discutir reformas constitucionais.

A abertura do escritório da União Europeia em Bengazi deve marcar uma viragem e intensificar o apoio aos líbios em luta contra a ditadura. Os Estados membros (Portugal incluído) devem assegurar representação diplomática em Bengazi, enquanto não puderem reabrir as embaixadas em Trípoli. E a UE tem de accionar a missão CSDP "EUFOR Líbia", que devia já ter protegido Mi-

surata, e aplicar o embargo de armas decretado pela ONU, ao mesmo tempo controlando as fronteiras terrestres por onde se infiltram mercenários e terroristas. Os governos europeus não podem continuar absurdamente à espera de um pedido da NU/OCHA que não é necessário, segundo o mandato do Conselho de Segurança. Uma operação CSDP é agora urgente para acorrer às populações berberes cercadas, nas montanhas do Oeste, abrindo um corredor humanitário através da Tunísia.

A Líbia é um país rico, os líbios não pedem apoio económico, mas sim ajuda para a capacitação democrática das forças emergentes. Tem de haver especial atenção à participação das mulheres e é preciso apoiar media livres, preparar leis eleitorais e reformas constitucionais e institucionais, incluindo dos sistemas policial e judicial. Apoiar o desarmamento e reintegração social dos jovens forçados a pegar em armas será também uma prioridade, crucial para a reconciliação nacional na era pós Kadhafi.

O reforço do apoio europeu é necessário para superar o impasse político e militar na Líbia. Ajudando os vizinhos líbios a vencer os opressores, os europeus ajudam-se a si mesmos.

“
Reforço do apoio
europeu é
fundamental para
superar impasse”